

CAPÍTULO 2

A IMPORTÂNCIA DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ademar Henriques da Silva Filho

Licenciatura em Pedagogia, UNIP/SP

Doutor em Ciências de la Educación, FICS/PY

RESUMO

A história como recurso educacional pode ser uma ferramenta muito útil para trabalhar várias áreas e conteúdo. É muito comum o professor pedir a seus alunos que escrevam histórias baseadas em suas experiências pessoais, sobre o que eles mais gostam, sobre qual seria sua excursão preferida. Mas, neste caso, iremos um pouco mais além e abordaremos a questão de como usar a história para aprender ciências naturais. O objetivo geral desta pesquisa é analisar a importância da contação de histórias na educação infantil. A contação de histórias, a leitura, se constituem em atividades capazes de incentivar, estimular e motivar aprendizagens intelectuais bem como em seu crescimento sócio moral. O método da contação de história para crianças na primeira infância é de fundamental importância, pois elas aprendem a ler e escrever na primeira série. Meninos e meninas desde sua concepção ouvem narrativas de acontecimentos cotidianos de nossas vidas, portanto, pode-se dizer que eles estão familiarizados com as estruturas narrativas; como conhecemos informações de outras épocas, temos estado em contacto com acontecimentos ocorridos, reais ou fictícios. A alfabetização inicial, a narração de histórias, os primórdios das práticas de leitura, não só promovem o acesso ao conteúdo da cultura, do conhecimento, dos valores, mas também acionam importantes mecanismos relacionados ao desenvolvimento cognitivo, linguístico e criativo das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Lúdico. Educação Infantil. Ensino-Aprendizagem. Contação de histórias.

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias vem desde o ventre de uma mulher; algumas mulheres cria-se o hábito de ler para os bebês antes mesmo deles vir ao mundo, tão logo, dão continuidade no decorrer da infância, fazendo da leitura uma ocasião especial que possibilite a criança a sua oralidade, ao seu desenvolvimento psíquico, ter percepções lúdicas, no mundo da imaginação,

aprendendo a pensar, a questionar e criar importantes descobertas. Algumas histórias recordamo-nos tanto por quem as contou tanto pelos personagens, ou um ato de heroísmo, uma atitude, enfim, aderir a prática da leitura desde a infância é muito eficaz para que haja um maior desempenho intelectual e social no cotidiano da criança.

Desta forma, esse trabalho vem ratificar que a contação de histórias é uma forma de ensinar como atividade lúdica, estimulando a imaginação, desperta a curiosidade, desenvolve a autonomia e o pensamento, proporcionando vivenciar as emoções bem como os medos, angústias, anseios, na qual também ajuda a criança no crescimento moral, social e a resolver os conflitos emocionais.

Na faixa etária até os 6 anos aproximadamente, a criança não entende a importância de estar presente em uma sala de aula, o porquê ela precisa estar ali, naquele ambiente, uma vez que ela veio da pré-escola com a ilusão de participar de brincadeiras, vivenciar o lúdico, e ao contar histórias possibilita ela de compreender, a criança desenvolve a atenção, a concentração, aprende palavras novas, melhora o raciocínio e interpretação de textos, provoca o estímulo à curiosidade, à criatividade, enfim, esse contato entre as crianças e o educador agrega e enriquece a cultura e a memória afetiva.

A proposta desta pesquisa é mostrar a importância de contar histórias para crianças na faixa etária de 0 a 6 anos de idade, lembrando que desde o ventre de uma mulher, aquele feto ouve e consegue reconhecer a voz de quem a mantém em comunicação logo ao seu nascimento bem como no decorrer de seu crescimento.

A contação de histórias de forma responsável, planejada, permite que as crianças ouçam a leitura, vivenciem conflitos, auxiliando na imaginação, no qual contribui para o seu desenvolvimento e desempenho intelectual, sendo assim, proporciona descobertas com o manuseio dos livros, o tato e fantasia, com isso há um ganho significativo com a aceitação das atividades propostas, compreendendo as ações, contribuindo para um trabalho pedagógico com êxito.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a importância da contação de histórias na educação infantil. A contação de histórias, a leitura, se constituem em atividades capazes de incentivar, estimular e motivar aprendizagens intelectuais bem como em seu crescimento sócio moral.

Os objetivos específicos são:

- Analisar o conceito de infância e aprendizagem significativa.
- Apresentar um estudo sobre o uso do lúdico na educação infantil.
- Discutir a inserção e atividades de contação de histórias na educação infantil.

A proposta desse trabalho de conclusão de curso é viabilizar como uma abordagem qualitativa, trazendo a importância da contação de histórias e a leitura para o dia a dia das crianças bem como em salas de aulas,

provando que através da imaginação, incentivos, estímulos a interação entre seus pares há uma contribuição valiosa de forma com que possibilite a participação entre crianças e seus responsáveis bem como a perspectiva das ações dos professores nesse contato próximo com as crianças.

Esse artigo vem ressaltar a importância das instituições de educação infantil garantir que todas as crianças tenham acesso a elementos que contribuam para seu desenvolvimento, utilizar brincadeiras, músicas jogos ajuda a tornar o momento de aprendizado prazeroso para as crianças. As brincadeiras contribuem de maneira positiva, dando a criança confiança para realizar desafios respeitando suas habilidades e ou limitações.

CONCEITO HISTÓRICO DE INFÂNCIA

A criança, durante anos, não teve um lugar específico na sociedade, vindo a ser reconhecido há pouco tempo. Segundo Philippe Aires¹ (1981) *na idade média, não havia uma clara separação entre o que seria indicado para crianças e o que seria específico da vida adulta.*

Airés fala, ainda, que as crianças recebiam tratamento diferenciado apenas nos primeiros anos de vida chamado de *tempo de paparicação*, enquanto dependiam dos cuidados das mães ou das amas. Em seguida a criança era afastada de seus pais, valores, conhecimentos e socialização não eram assegurados pela família. A educação era garantida pela convivência com os adultos, ajudando nos afazeres cotidianos. A passagem da criança no meio familiar era rápida e insignificante.

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, (...) mal adquiriam desembaraço físico, era logo misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude (AIRÉS, Philippe, 1978, p. ix).

Esse desapego da família sobre a criança era gerado pela baixa expectativa de vida que se tinha na Idade Média. O índice de mortalidade infantil era altíssimo, que se dava principalmente pela falta de assepsia da população em geral. Os dados de mortalidade infantil desde período foram retirados de documentos pertencentes à Igreja Católica, que registravam estas mortes através das crianças que antes de seu óbito foram batizadas, porém muito das que faleciam não chegavam nem a ser conhecidas, além de

¹ Philippe Ariès (1914 - 1984) foi um importante historiador e medievalista francês da família e infância. Ariès escreveu vários livros sobre a vida diária comum. Seu mais proeminente trabalho rendeu um brilhante estudo sobre a morte. No seu trabalho *A história Social da Criança e da Família*, Ariès demonstra que o surgimento de um discurso sobre a infância está vinculado à emergência da percepção da especificidade do infantil na modernidade.

seus pais, e eram enterradas em qualquer lugar, mostrando, desta forma, a falta de afeto e de controle sobre os nascimentos e falecimento infantis.

O sentimento entre os cônjuges e pais e filhos não era necessário para o equilíbrio da existência da família.

As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, (...) Se ela morresse então como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (ARIÉS, 1981, p. 10).

As crianças eram tratadas como pequenos adultos e não havia uma vestimenta especial para elas, saíam direto dos cueiros, para roupas adultas em miniatura. Além disso, não havia uma separação de local: adultos e crianças praticavam todas as suas atividades no mesmo ambiente. Os assuntos e brincadeiras sexuais envolviam crianças e adultos, não havendo definição do significado de ser criança e ser adulto.

Essa prática familiar de associar as crianças às brincadeiras sexuais dos adultos fazia parte do costume da época e não chocava o senso comum. (...) O respeito devido a criança era então (no século XVI) algo totalmente ignorado. Os adultos se permitiam tudo diante delas: linguagem grosseira, ações e situações escabrosas; elas ouviam e viam tudo (AIRES, 1981, p. 77).

No final do século XVII, ocorreram muitas mudanças na sociedade medieval, a escola vinha para substituir o aprendizado que antes era obtido pela criança ao conviver no meio dos adultos. A partir daí, inicia-se um logo processo de isolamento da criança, processo este movido pelas reformas católicas e protestantes, ligadas à Igreja, às leis e ao Estado por uma moralização dos homens. Assim a infância passa a ser reconhecida, e a criança passa ter um papel diferenciado dentro desta sociedade. A família passa a demonstrar mais afeição por suas crianças, o que antes não era necessário, e a educação passa a ter uma importância significativa dentro da estrutura familiar.

Essa Revolução Educacional movida pela igreja se dá, também, por sua necessidade de adquirir novos fiéis, pois ela vê na educação uma forma de passar a frente seus conhecimentos e dogmas. Desta forma, a escolarização no século XVIII, torna-se uma forma de ensinar, moralizar e disciplinar as crianças.

Entre o fim da Idade Média e os séculos XVII e XVIII, a criança havia conquistado um lugar junto de seus pais, lugar este a que não poderia ter aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confiada a estranhos. (...) A criança tornou-se um

elemento indispensável da vida cotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro. (AIRES, 1981, p. 189).²

Destarte, o conceito de infância é relativamente recente nas sociedades ocidentais não indígenas. Mais recente ainda são o conceito de educação infantil e as suas teorias.

CRIANÇA NA ATUALIDADE

Atualmente, em nossa sociedade, a criança assumiu um grande papel de destaque dentro da família e perante o Estado, fato este que, antes, era nulo. Hoje, a criança e tudo o que diz respeito a ela, é cercado de todos os cuidados e atenção.

Se a família não garante o bem-estar da criança, o Estado intervém e garante o apoio necessário para que isto ocorra. Um grande passo, nesse sentido, é a criação de leis que a protejam, como, por exemplo, o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que solidifica esses direitos antes esquecidos ou negados.

Com os direitos da criança vieram os deveres que, antes, eram somente “estudar, comer, brincar, tomar banho, escovar os dentes e dormir”, e, hoje, são uma infinidade de atividades que, segundo os pais, “são para garantir um futuro promissor”. Contudo, tem-se aberto mão da infância para se preparar para a vida adulta (CAMPOS, 2003).

Agendas lotadas, uma rotina atribulada com aulas de balé, judô, natação, estudo de idiomas, ginástica, aulas de reforço, entre outros, em busca de um ser humano completo em suas habilidades, tornam o presente da criança pouco aproveitado para o que, de fato, é importante: ser criança. Esse fato remete ao berço da nossa civilização, a Grécia antiga, onde só a perfeição, tanto física quanto intelectual, era aceita.

A televisão nada mais é do que um instrumento dessa legitimação de pensamento, carregado no cerne de nossa sociedade. Seriados, novelas, propagandas, desenhos, estimulam um padrão de ser e ter: corpos magros e sarados, cabelos lisos, roupas da moda, hábitos, comidas, entre outros, é o que deve ser seguido (CAMPOS, 2003).

Nesse contexto, a criança pode ser comparada à da Idade Média, em que eram chamados de “mini-adulto”, ou seja, tem corpo de criança, mas a responsabilidade de um adulto. Sarlo (1997) diz que a infância é uma experiência que praticamente desapareceu, pois se encontra espremida por uma adolescência bastante precoce e uma juventude que se prolonga até os 30 anos.

² RODAPÉ: ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Traduzido por Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

Além disso, a própria família passa a se ausentar da educação desse ser em formação, delegando tudo para outras instituições, em destaque, a escola. Com isso, o papel da família vem se anulando com o passar do tempo.

INFÂNCIA E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Em oposição à teoria dominante da aprendizagem por memorização, no início da década de 1960 o pesquisador Ausubel desenvolveu a Teoria da Aprendizagem Significativa. Tal teoria afirma que para ele a aprendizagem ocorre quando o conjunto estímulos, objetivos, metodologia e conhecimentos prévios atribuem significado aos novos conhecimentos adquiridos.

Na teoria da aprendizagem significativa, o conhecimento real depende dos estímulos apresentados e das estruturas cognitivas que irão fragmentar as novas informações reorganizando com as outras previamente estabelecidas como afirma Ausubel (2003):

A aprendizagem por recepção significativa envolve, principalmente, aquisição de novos significados a partir de material de aprendizagem apresentado. Exige quer um mecanismo de aprendizagem significativa, quer a apresentação de material *potencialmente* significativo para o aprendiz. (AUSUBEL, 2003, p.84).

Segundo Ausubel (2003), existem três formas de obtermos conhecimentos por recepção significativa:

- A aprendizagem representacional: quando relacionamos nome aos objetos apresentados.
- Aprendizagem conceitual: aquela na qual os símbolos, objetos e fenômenos são apresentados em teorias, hipóteses típicas das disciplinas exatas, aprendendo conceitos para aplicar na resolução das situações-problema.
- Aprendizagem proposicional: quando as ideias preexistentes unem informações novas assimiladas estabelecendo elos cognitivos associando-se ao aprendido, reorganizando nos compartimentos mentais denominados “subsunçores”.

Para que ocorra a aprendizagem é preciso considerar as estruturas cognitivas e a individualidade dos alunos, haja vista que o conhecimento é singular, cada indivíduo assimila de forma específica os diferentes saberes. Entretanto, nossa estrutura cognitiva diferencia-se dos sistemas de informação atuais. Sendo humanos aprendemos aquilo que nos traz significado, que tem relação com cotidiano, utilidade.

As informações assimiladas devem estabelecer relação com a nossa vida, fazer sentido ao nosso mundo. Quando a relação sentido-significado

não ocorre o conhecimento é esquecido facilmente, apenas softwares possuem sistemas para armazenar dados para a abstração. Humanos precisam criar conexões em suas vidas.

...o equipamento cognitivo humano, ao contrário do de um computador, não consegue lidar de modo eficaz com as informações relacionadas consigo numa base arbitrária e literal, apenas se conseguem interiorizar tarefas de aprendizagem relativamente simples e estas apenas conseguem ficar retidas por curtos períodos de tempo, a não ser que sejam bem apreendidas. (Ausubel, 2003, p. 45).

A aprendizagem por memorização auxilia no processo de aprendizagem, mas a assimilação ocorre de maneira diferente da aprendizagem significativa porque as estruturas cognitivas não retêm as informações, elas permanecem temporariamente a memória, embora sejam adicionadas a um conjunto de informações posteriores para aprimorar um assunto de disciplinas específicas.

Se a estrutura cognitiva for clara, estável e bem organizada, surgem significados precisos e inequívocos e estes têm tendência a reter a força de dissociabilidade ou disponibilidade. Se, por outro lado, a estrutura cognitiva for instável, ambígua, desorganizada ou organizada de modo caótico, tem tendência a inibir a aprendizagem significativa e a retenção. Assim, é através do fortalecimento de aspectos relevantes da estrutura cognitiva que se pode facilitar a nova aprendizagem e retenção. (Ausubel, 2003, p. 56).

O brincar permite à criança vivenciar o lúdico e descobrir a si mesma, apreender a realidade, tornando-se capaz de desenvolver seu potencial criativo. É também colocado como um dos princípios fundamentais, defendido como um direito, uma forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação entre as crianças.

O LÚDICO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O lúdico integra o aluno à cultura, sendo a contação de histórias é uma atividade culturalmente definida e representa uma necessidade para o desenvolvimento infantil. Nos dias atuais, a atividade lúdica, como contação de histórias, em sala de aula oferecem diversas formas de interação e conhecimento. Assim, este capítulo apresenta o uso do lúdico e a importância da contação de histórias na educação infantil.

A HISTÓRIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO

Os primeiros estudos acerca do lúdico na educação foram realizados em Roma e na Grécia antiga. Kishimoto (2013, p.15) Platão, em *LesLois* (1948), comenta a importância do “aprender brincando”, em oposição à utilização da violência e da repressão. Da mesma forma, Aristóteles sugere, para a educação de crianças, o uso de atividades que imitem atividades sérias, de ocupações adultas, como forma de preparo para vida futura. Vale ressaltar que nessa época atividades lúdicas ainda não eram utilizadas como recurso didático. Somente a partir do século XVI tiveram o seu aparecimento na história ocidental como jogo educativo, mais precisamente na França, com o surgimento da companhia de Jesus. Nessa época, o uso do lúdico na educação foi colocado em destaque de forma disciplinada. Desta forma, o lúdico foi transformado em práticas educativas para a aprendizagem de ortografia e de gramática. Ignácio de Loyola expôs sua importância na formação e desenvolvimento do ser humano.

O uso do lúdico na educação segue a sua escala de evolução até chegar ao final da Revolução Francesa em 1799, no século XIX, onde surgiram novas práticas pedagógicas. Pesquisadores como Rousseau, Pestalozzi e Froebel tiveram um papel importante na valorização da infância com base numa concepção idealista e protetora da criança que, por sua vez, favoreceu o uso de atividades lúdicas como suporte pedagógico lançando uma proposta por meio de brinquedos, tendo como ponto central a recreação.

Segundo Kishimoto (2013) a contação de histórias adquire duas funções:

- 1- A função Lúdica, quando a atividade propicia a diversão e é escolhido voluntariamente;
- 2- A educativa, quando a atividade ensina algo que complete o indivíduo e o auxilia em sua aprendizagem.

A contação de histórias gera um ambiente de aprendizado inato, sem a necessidade de experiência prévia, que pode ser utilizado como estratégia didática, como forma de comunicar, compartilhar e conceituar conhecimentos e, em última instância, potencializar o desenvolvimento social, emocional e cognitivo do indivíduo.

Por abordagem lúdica entende-se todas aquelas atividades didáticas, agradáveis e prazerosas desenvolvidas em um ambiente de lazer e cujo impacto pedagógico promove uma aprendizagem significativa que é planejada por meio da contação de histórias. Assim, uma proposta lúdica deve incorporar jogos didáticos, fantoches para narrar e dramatizar histórias, músicas infantis acompanhadas de gestos e pantomima. Além disso, pode também explicar a coloração, a colagem e o artesanato, entre outras que visem explorar, investigar, descobrir, organizar e conhecer o seu ambiente a partir do uso da língua estrangeira (GUERMANDI, 2016).

De acordo com Santos (2002, p.12) a ludicidade

(...) é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento (SANTOS, 2002, p. 12).

Atividades recreativas motivam, divertem e ensinam a criança a descobrir e valorizar a beleza da linguagem como meio de comunicação. A contação de histórias de forma lúdica não é apenas uma mera atividade espontânea, mas é disponibilizado à criança para que alguns objetivos sejam alcançados e desenvolva todo o seu potencial, pois contribui para a socialização. O uso do lúdico no ambiente escolar promove a aprendizagem significativa, estimula a imaginação, aprimora o raciocínio lógico, auxilia tanto aprendizagem emocional quanto nas situações de aprendizado com um senso-crítico.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O currículo da Educação Infantil reflete claramente uma iniciação precoce da criança na literatura, de forma que sua curiosidade, interesse e conhecimento dos livros nascem dela como portadores de algo atraente, fascinante e interessante e os introduzem no mundo da fantasia. Devemos ensinar as crianças a respeitar e cuidar dos livros para que não se deteriorem e todos possam apreciá-los. A Literatura deve ser introduzida na sala de aula das crianças, pois é a Literatura que interessa ao menino e à menina de maneira especial (DE SOUSA; DALLA BERNARDINO, 2011).

A literatura infantil ajuda a despertar a sensibilidade estética no menino e na menina, sem esquecer seu caráter lúdico e didático. Atualmente, meninos e meninas se encontram em um mundo em que tudo se faz e se entrega a eles e se considera apropriado que sejam eles que descubram o que mais gostam e não o que os outros lhes atribuem (MATEUS et al., 2013).

É impossível negar o valor educativo da história, visto que é um excelente recurso que favorece, desde a mais tenra idade até a idade adulta, o gosto pela leitura e o desenvolvimento integral das pessoas. Na fase infantil, as crianças encontram as primeiras experiências imaginativas nos livros de histórias, conseguem satisfazer a sua curiosidade constante e conseguem colocar imagens e palavras nas suas sensações (VITOR; KORBES, 2011).

Uma história pode ser definida como uma história curta, simples e linear, oral ou escrita, de eventos reais ou imaginários e fictícios. Possui um enredo simples (exposição, meio, final), com pouca descrição dos cenários, e seu enredo é realizado por um pequeno número de personagens pouco caracterizados. O propósito das histórias é geralmente moral ou recreativo. A estrutura de uma história é composta pela apresentação de seus personagens e pela descrição de uma situação de conflito. Esta situação

deve ser resolvida pela ação dos personagens, desenvolvendo assim o desfecho da história (CARDOSO; FARIA, 2016).

O valor educativo das histórias e a sua função pedagógica e didática e, portanto, a sua importância, reside no facto de facilitarem a transmissão do património cultural. Além de promover o desenvolvimento da linguagem e influenciar o desenvolvimento psicológico das crianças. Ouvir e ler histórias permite às crianças expandir seu vocabulário e aprender novos modelos expressivos, progredindo na compreensão de formas cada vez mais complexas de textos escritos. Favorecem, ao mesmo tempo, o desenvolvimento cognitivo, permitindo-lhes transferir situações vivenciadas em histórias para outras situações de seu cotidiano (DE SOUSA; DALLA BERNARDINO, 2011).

O valor educativo das histórias e a sua função pedagógica e didática e, portanto, a sua importância, reside no facto de facilitarem a transmissão do património cultural. Além de promover o desenvolvimento da linguagem e influenciar o desenvolvimento psicológico das crianças. Além disso, por meio das histórias, a criança exercita a memória, melhora sua capacidade de atenção e concentração e consegue melhorar sua estruturação e organização temporal por meio de eventos que marcam um antes e um depois (MATEUS et al., 2013).

No nível afetivo e social, ajuda-os a compreender o significado de certos valores por meio das ações positivas e negativas dos personagens que compõem as histórias, e eles vão aprendendo e assumindo certos papéis e normas sociais. No nível psicológico, por meio das histórias das histórias e de seus personagens, eles podem se identificar e se ver refletidos. Uma história pode permitir que uma criança e um adulto encontrem respostas para seus medos, suas necessidades e suas contradições. Ouvir e ler histórias permite que as crianças expandam seu vocabulário e aprendam novos modelos expressivos, progredindo na compreensão de formas cada vez mais complexas de textos escritos. Favorecem, ao mesmo tempo, o desenvolvimento cognitivo, permitindo-lhes transferir situações vivenciadas em histórias para outras situações de seu cotidiano (VITOR; KORBES, 2011).

Em suma, adaptadas às idades e fases de ensino em particular, as histórias satisfazem o desejo de saber e de saber mais, sejam ambientes, pessoas, situações ou sensações. É importante, principalmente na infância, levar em conta a diferença entre contar uma história e a narrar. Quando uma história é narrada, cria-se um ambiente harmonioso e atento que o convida a desfrutar da história e dos seus personagens. Para isso, a narrativa implica que quem a faz deve saber como (CARDOSO; FARIA, 2016).

Para conseguir uma boa narração, o docente deve modular bem sua voz e falar com calma e devagar. Imitar o tom e as vozes dos personagens e fazer as pausas e silêncios necessários ao enredo. Também é importante estar perto e na mesma altura dos ouvintes, principalmente se forem crianças, com quem o professor deve criar uma energia de cumplicidade e confiança (MATEUS et al., 2013).

No fundo, uma história é uma viagem ao desconhecido, é uma viagem partilhada ao longo de um caminho que nos convida a descobrir e investigar enquanto crescemos e progredimos. Uma história é essencial para o desenvolvimento emocional e afetivo, intelectual e linguístico das crianças e não tão jovens; este é o seu valor educacional.

A história como recurso educacional pode ser uma ferramenta muito útil para trabalhar várias áreas e conteúdo. É muito comum o professor pedir aos alunos que escrevam histórias a partir de suas experiências pessoais, do que eles mais gostam, sobre qual seria sua excursão preferida. Mas neste caso eles vão um pouco mais longe e vão abordar a questão de como usar a história para aprender ciências naturais (DANTAS, 2019).

A história permite trabalhar de forma interdisciplinar. Ensinar ciências naturais não significa apenas ensinar flora, fauna, meios de transporte ou qualquer outro conteúdo de forma exclusivamente teórica, mas esta atividade pode variar de várias maneiras. Portanto, é conveniente que o ensino da disciplina Conhecimento do meio ambiente seja nutrido por diversos recursos, entre os quais se encontra a história. Além disso, essa ferramenta é muito adequada para o Ensino Fundamental, pois nela muitas crianças vivem imersas em seu mundo imaginativo e isso permite que entrem nas histórias, se identifiquem com os personagens e, assim, aprendam muitos novos conteúdos (DE SOUSA; DALLA BERNARDINO, 2011).

Um dos elementos mais importantes da educação é a comunicação e, justamente, a história é um elemento que pode nos ajudar a alcançá-la, pois é capaz de gerar muitas interações entre os alunos e o professor. Se a história que é apresentada às crianças for do seu agrado, é possível fazer com que os alunos escrevam histórias semelhantes, conversem com os colegas sobre determinada ação e, sem dúvida, isso beneficia o aprendizado, pois lembram de conteúdos que eles não se lembrariam se tivessem sido transmitidos a eles teoricamente e mecanicamente (VITOR; KORBES, 2011).

Embora, qualquer história não seja apropriada, o professor deve ter a capacidade de escolher a história mais adequada para o que deseja trabalhar. Além disso, também é muito importante que, ao contá-la, não se limite apenas a narrativa, mas sim se concentrar em transmiti-la, ou seja, entrar no mundo fantástico da história e fazer com que os alunos viajem juntos. com isso ao longo da história. Por outro lado, é importante também que os professores estejam dispostos a ir até o final, e caso não encontrem uma história sobre determinado assunto, que se atrevam a escrevê-la, para que haja continuidade na metodologia utilizada, pelo menos, na medida do possível (CARDOSO; FARIA, 2016).

Quando você começa a trabalhar com histórias, é importante que sejam simples, porque os alunos têm que perder o medo de trabalhar com elas. É óbvio que este recurso é um tanto limitado pela idade, mas é importante que mesmo quando as crianças não sabem escrever, os professores as introduzam no universo das histórias. Desde as primeiras fases, as crianças têm que interagir com as histórias tanto em casa como na

escola, pois assim aprenderão que por trás dessas páginas com letras e desenhos há algo mais, algo que não está em nenhum outro lugar (DANTAS, 2019).

Mas, além de ampliar a noção de educação e aprender a usar esse recurso didático, os professores devem estar cientes de que ele pode realmente ser usado e dará resultados positivos. Isso, além de ajudar as crianças a adquirirem os conteúdos presentes em cada uma das histórias, também as ajuda a adquirir um bom hábito de leitura com firmeza, solidez e confiança (REGO, 2013).

Ensinar conhecimentos sobre o meio ambiente não implica apenas explicar às crianças aspectos do cotidiano mencionados no currículo, mas implica que esses conteúdos devem ser tratados a partir de uma relação com outras disciplinas, como a linguagem e a literatura. As histórias, além de melhorarem as competências linguísticas, também facilitam e aumentam a aquisição de conteúdo (tanto das ciências naturais como de qualquer outra disciplina) e são muito adequadas para melhorar a criatividade e as relações pessoais que se estabelecem com o trabalho em grupo, porque as histórias permitem o emocional e o social laços a serem estabelecidos (DE OLIVEIRA; DE FÁTIMA GONÇALVES, 2013).

Em suma, a história é um recurso educacional que está à disposição de qualquer professor. As histórias podem ser um suporte muito importante e fácil de encontrar, pois em todas as escolas podemos encontrar muitos exemplares. Porém, considera-se importante trabalhar a história não apenas como meio de entretenimento, mas como recurso elementar para a socialização, para a descoberta da identidade pessoal de cada aluno e, ainda, para a aprendizagem do conteúdo presente em cada um deles.

Em um sentido amplo, a poesia para a primeira infância inclui todas aquelas criações, orais e escritas, nas quais predomina a intenção de brincar com o som e explorar as múltiplas ressonâncias das palavras. Por isso, a tradição oral de cada região é a primeira fonte poética: canções de ninar, canções, contos corporais, rondas, versos e todo o repertório que se transmite de voz em voz, que circula de geração em geração e que os adultos retrocedem. membro, independentemente dos seus níveis de leitura. Este repertório regional é complementado por poemas de autoria e também por músicas dirigidas a crianças, onde a mesma alegria é vivida em combinar palavras para brincar e aventurar outros sentidos (VITOR; KORBES, 2011).

As obras narrativas incluem lendas da tradição oral, contos sobre acontecimentos reais ou fantásticos, contos clássicos que circulam e são transmitidos por voz ou que foram recolhidos em versão escrita, bem como contos e romances escritos. De autores de literatura infantil, regional, nacional e universal (DE OLIVEIRA; DE FÁTIMA GONÇALVES, 2013).

No patrimônio literário da primeira infância, a ilustração é fundamental. Em primeiro lugar, existem livros infantis centrados na imagem e, muitas vezes, sem recorrer a palavras, contam histórias simples para tocar, olhar, manusear e até morder. Em segundo lugar, estão os álbuns-livros que

propõem um diálogo entre o texto e a ilustração para convidar o leitor a construir sentidos. Os álbuns suscitam leituras muito complexas que envolvem diferentes formatos e linguagens e, com razão, se dizem museus ao alcance de todos os públicos, pois permitem o exercício de múltiplas formas de olhar, explorar e interpretar o universo das artes visuais. Devido às possibilidades inesgotáveis de leitura que os álbuns oferecem, recomenda-se que, quando lidos para um grupo, sejam apresentados de forma a permitir que as ilustrações sejam fixadas e decifradas à medida que as palavras da história são lidas simultaneamente (CARDOSO; FARIA, 2016).

Além dos gêneros estritamente literários, no acervo das bibliotecas infantis encontram-se livros essenciais que abrangem as diversas áreas do conhecimento, ciências naturais e sociais, culinária, artes, hobbies, ofícios e culturas, e que conectam a leitura à curiosidade e ao desejo de saber. Existem livros informativos sobre temas de interesse, próximos ou distantes, como animais domésticos e selvagens, dinossauros, museus, territórios, grupos étnicos, o campo, a cidade e várias culturas, que são úteis para propor cada vez mais ligações. precisa explorar o ambiente, os porquês e leitura (DE OLIVEIRA; DE FÁTIMA GONÇALVES, 2013).

É importante insistir no fato de que poesia e narrativa estão intimamente ligadas às vozes adultas de pais, mães, avós, artistas e líderes comunitários, bem como de professoras, professoras e agentes educacionais. Os jogos e rondas de cada região, que combinam palavra e movimento, são um material por excelência para a educação literária, o que implica a valorização, o resgate e o resgate da tradição oral. Da mesma forma, as histórias contadas em cada local, com cadências, sotaques e peculiaridades regionais, vinculam meninas e meninos à sua cultura. Ou seja, a literatura exige que os adultos tomem consciência de suas possibilidades de cantar, brincar, narrar, compartilhar suas histórias e enriquecer permanentemente o patrimônio cultural com a memória viva que se transmite de voz em voz (DANTAS, 2019).

As histórias no ensino fundamental são essenciais para aprimorar as habilidades linguísticas, motoras e cognitivas, e assim alcançar o desenvolvimento de suas habilidades. O conto de fadas é a primeira fonte em que a criança aprende a ler em sua mente e permite que ela alcance um bom entendimento antes de atingir a maturidade intelectual. Segundo Vigotsky a respeito do uso literário, existem diferentes propostas que motivam e chamam a atenção para a criança, como os textos narrativos e os textos poéticos. É importante que desde a infância coloquemos o aluno em contato com a literatura (REGO, 2013).

Para uma criança, a fantasia é a chave para compreender o mundo real. A fantasia é gratuita e depende da criança, assim como a literatura. A fantasia permite que a criança imagine e o adulto crie. Encontramos uma relação direta entre fantasia, imaginação, criatividade, leitura e escrita. A mente infantil distingue perfeitamente entre o que é a própria história e o que

é sua própria existência. A criança gosta que lhe contemos histórias, a criança precisa do imaginário para se desenvolver de forma equilibrada. Nosso dever e responsabilidade é oferecer a você uma fantasia autêntica e saudável de qualidade real. O fantástico incita a criança a se questionar; por isso a fantasia, além de fugir, liberta, porque explica simbolicamente o mundo real (DANTAS, 2019).

Para que a criança seja capaz de desenvolver suas habilidades e aptidões e aprender a funcionar no mundo ao seu redor, ela precisa da ajuda de alguém, alguém que a oriente e oriente. A principal função dos professores nas interações que ocorrem em qualquer processo de aprendizagem é criar, nas palavras de Vygotsky, zonas de desenvolvimento proximal. As atividades que o professor propõe terão sempre uma finalidade, um objetivo; devemos evitar cair no ativismo, só então o conhecimento que nossos filhos adquirem será funcional e significativo. O último objetivo do professor, e não menos importante, é avaliar para melhorar a prática educacional (REGO, 2013).

Uma série de implicações pedagógicas que o professor deve realizar. Ou seja, o desenvolvimento do conhecimento e a construção de novas ideias são criados a partir da base de conhecimento anterior. O papel do professor é totalmente necessário para favorecer um contexto de experiências significativas, funcionais e cooperativas e, a partir delas, facilitar o processo de cada um dos alunos. Os professores podem adaptar uma história para ensinar a ler e escrever para seus alunos dependendo da série para a qual a aula é dirigida, por meio da história com figuras, com letras grandes, entre outros (DE OLIVEIRA; DE FÁTIMA GONÇALVES, 2013).

CONCLUSÃO

O método de contação de histórias é uma ferramenta didática de aplicação em sala de aula, destinada principalmente a alunos crianças e até jovens (adolescentes) em idade escolar. Este método de ensino é aplicado de forma diferente de acordo com a idade e nível dos alunos. Consiste em usar a história como meio de ensino, socializando-a em sala de aula de diferentes formas. Uma das chaves para o sucesso pedagógico deste instrumento de ensino é que o que está a ser ensinado pode ser transmitido de forma natural e dá rédea à própria interpretação dos alunos. Não é uma transmissão puramente conceitual de informações, mas é aprendida por meio das situações contadas nas histórias.

O método da contação de história para crianças na primeira infância é de fundamental importância, pois elas aprendem a ler e escrever na primeira série. Meninos e meninas desde sua concepção ouvem narrativas de acontecimentos cotidianos de nossas vidas, portanto, pode-se dizer que eles estão familiarizados com as estruturas narrativas; como conhecemos informações de outras épocas, temos estado em contacto com acontecimentos ocorridos, reais ou fictícios. A alfabetização inicial, a narração de histórias, os primórdios das práticas de leitura, não só promovem o acesso ao conteúdo da cultura, do conhecimento, dos valores, mas também acionam

importantes mecanismos relacionados ao desenvolvimento cognitivo, linguístico e criativo das crianças.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**; Trad. De Lúgia Teopisto. 1.^a ed. Lisboa, Portugal: Plátano, 2003.

CAMPOS, Cristiana Caldas Guimarães de; SOUZA, Solange Jobim. Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 23, n. 1, p. 12-21, 2003.

CARDOSO, Ana Lúcia Sanches; FARIA, MA de. A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 7, n. 1, 2016.

DANTAS, Eva Lorena Azevedo. A contação de história na Educação Infantil e a formação de leitores. **Revista Caparaó**, v. 1, n. 2, p. e12-e12, 2019.

DE SOUSA, Linete Oliveira; DALLA BERNARDINO, Andreza. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare**, v. 6, n. 12, 2011.

DE OLIVEIRA, Andreza; DE FÁTIMA GONÇALVES, Sônia. A importância da contação de histórias na educação infantil. **Extensão em Foco (ISSN: 2317-9791)**, v. 1, n. 1, p. 50-53, 2013.

GUERMANDI, M. **Interação no ensino de língua espanhola: análise das orientações do manual do professor e das atividades do livro cercania joven**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. 2016

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Cortez editora, 2017.

KISHIMOTO, T. M. (Org.); OLIVEIRA, J. F. D. B. (Org.). **Em busca da Pedagogia da Infância. Pertencer e Participar**. Porto Alegre: Penso 2013.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em ação**, v. 5, n. 1, 2013.

MORETTI, Vanessa Dias; DE SOUZA, Neusa Maria Marques. **Educação Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental: princípios e práticas pedagógicas**. Cortez Editora, 2015.

NETO, José Francisco Barbosa; DA FONSECA, Fernando de Souza. Jogos educativos em dispositivos móveis como auxílio ao ensino da matemática. **RENOTE**, v. 11, n. 1, 2013.

OLIVEIRA, Wilk et al. Avaliação de jogos educativos: Uma abordagem no ensino de matemática. In: **Brazilian Symposium on Computers in Education, (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE)**. 2015. p. 657.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Editora Vozes Limitada, 2013.

SANTANA, Washington Jose de et al. **O jogo no processo de ensino-aprendizagem da matemática: um estudo das estratégias metodológicas em ludicidade no Projeto Travessia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. 2014.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5 ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

SARLO, Beatriz; ALCIDES, Sérgio. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Rio de Janeiro:ufrj, 1997.

SILVA, Mônica Soltau da. **Clube de matemática: jogos educativos**. Papyrus Editora, 2005.

SILVA, Bruna Camargo et al. Jogos digitais educacionais como instrumento didático no processo de ensino-aprendizagem das operações básicas de matemática. In: **Brazilian Symposium on Computers in Education, (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE)**. 2014. p. 682.

VITOR, Elinete Cordeiro; KORBES, Lenita Maria. A contação de histórias na educação infantil. **Eventos Pedagógicos**, v. 2, n. 1, p. 92-100, 2011.